

NA FICÇÃO CURTA DE MÃE BEATA DE YEMONJÁ: O CANDOMBLÉ NO FEMININO

Sávio Roberto Fonseca de Freitas (UFRPE/ PNPd-CAPES-PPGL/UFPB)



Figura 1: Mãe Beata de Yemonjá

Mãe Beata de Yemonjá, nome pelo qual é conhecida Beatriz Moreira Costa, nasceu em Salvador, Bahia, em 20 de janeiro de 1931, radicando-se em Miguel Couto, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. Ialorixá do *Ilê Omi Oju Aro* (Casa das Águas dos olhos de Oxossi), localizada no Rio de Janeiro, Mãe Beata, por volta de 1980, transformou-se em umas das mais celebradas personalidades do Candomblé no Rio de Janeiro, principalmente por manter viva na baixada fluminense toda uma tradição candomblística preservada por uma hierarquia de ensinamentos passada por Olga de Alaketo, mãe de santo de uma das casas de candomblé mais famosas de Salvador, na Bahia.

No ano de 1997, lança o livro *Caroço de Dendê: a sabedoria dos terreiros*, pela Pallas Editora e em 2004, *Histórias que a minha avó contava*, pela Terceira Margem. Contadora de histórias, Mãe Beata não faz mais que relatar as tradições e heranças da cultura africana, desde sua infância foi cercada por descendentes de ex-escravos. É uma das integrantes do ICAPRA (Instituto Cultural de Apoio e Pesquisa às religiões afros), a qual visa a difusão das heranças e tradições dos povos brasileiros de origem africana, centrando-se, especialmente, na transmissão religiosa. Mãe Beata, senhora de 83 anos, luta demasiadamente por justiça social, realiza trabalhos com soropositivos e doentes de AIDS, sendo também conselheira do MIR (Movimento Inter-Religioso), membro do UNIPAX (que luta pela paz), integrante do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher.

O ato de contar histórias feito por Mãe Beata em seu terreiro é uma forma de preservar a tradição oral de seus antepassados no sentido de passar os conhecimentos de terreiro do mais velho para os mais novos, obedecendo a uma hierarquia de saber ainda muito preservada em casas de Candomblé no Brasil. Mãe Beata é, como assinala Reginaldo Prandi (2001, p.30), um dos significativos nomes de sacerdotisas dos cultos afro-brasileiros que contribui para o patrimônio escrito dos mitos e ritos ensinados nos terreiros apenas “de boca em boca”. Como sacerdotisa de Candomblé Ketu, Mãe Beata vem dar visibilidade a uma literatura afro-brasileira que se constrói para além de estruturas de exclusão e de valor.

São características frequentes ao texto de Mãe Beata de Yemonjá: narrativas curtas (contos); temas voltados ao universo mítico afro-brasileiro; atualização de mitos africanos yorubás; intervenção dos deuses yorubás no cotidiano das mulheres brasileiras de terreiro; linguagem coloquial; metáforas do cotidiano; uso constante de provérbios; crítica social; relações de gênero problematizando raça e classe social; condição feminina orientada pelos arquétipos das deusas da mitologia yorubá.

A nossa análise vai contemplar três contos do livro *Caroço de Dendê* (2002): *O balaio de água*; *Iyá Mi, a mãe ancestral*; e *A pena de ekodidé*. Os três contos têm características em comum: os deuses africanos do panteão yorubá intervêm positivamente no destino de mulheres brasileiras de terreiro que sofrem com problemas do cotidiano; a voz que narra sempre aparece em terceira pessoa e assume a performance de contador de histórias; a personagem feminina sempre é favorecida por sua obediência aos deuses africanos; é frequente uma situação imaginária possível para os adeptos dos cultos afro-brasileiros (os deuses falam com os seus protegidos, favorecendo suas vidas em prol do fortalecimento do axé deles na terra, entre outros aspectos); e sempre há um conhecimento africano a ser passado seja por meio de um provérbio ou de um parágrafo moralizante.



Figura 2: Yemonjá, a deusa do mar.

No conto *Balaio de água*, a personagem Tude, filha de Yemonjá, mulher fiel, dona de casa, boa mãe para os filhos, boa filha para o seu axé, reclama da brutalidade e da descrença de seu marido para com a vida de filha de santo. Certo dia, Tude, possuidora de uma fé inabalável e crente que Yemonjá, como boa mãe para as suas filhas e dominadora dos grandes oceanos, poderia livrá-la daquela turbulência matrimonial:

“Ela era iniciada e era uma boa filha para o seu axé, mas ele não deixava que ela cuidasse de suas obrigações na roça de candomblé. Um dia quando estava apanhando do marido, ela disse a ele:

- Eu carrego água no cesto e você não reconhece.

- Vai apanhar mais por esta mentira, pois ninguém consegue encher um palácio com água, não é você que vai fazer isso com sua feitiçaria. O dia em que você conseguir isso, eu me transformo num homem bom- respondeu o marido.(YEMONJÁ, 2002, p.33) (Grifos nossos)

Observamos no fragmento acima que a voz narradora mostra Tude como uma mulher de terreiro fiel aos ritos de sua roça de candomblé, ou seja, é uma filha de santo que está sempre presente nas obrigações, cerimônias fechadas e festas para o público em seu terreiro; sempre renova suas obrigações, fortalecendo sua cabeça e agradando sua mãe Yemonjá, para quem ela pede socorro e intervenção em relação ao seu marido, o qual, nesta narrativa, representa o machismo, o lugar de poder do patriarcado ainda na família brasileira, a violência contra a mulher e a intolerância religiosa frente à crença de Tude, logo aos cultos afro-brasileiros. A intervenção de Yemonjá neste conto é relevante porque:

O culto aos orixás femininos não se completa sem Iemanjá, a senhora das grandes águas, mãe dos deuses, dos homens e dos peixes, aquela que rege o equilíbrio emocional e a loucura, talvez o orixá mais conhecido no Brasil. (PRANDI, 2001, p.22)

Sendo Yemonjá o orixá que rege o equilíbrio emocional e a loucura, além de dominar as grandes águas, percebemos o motivo pelo qual Tude consegue alcançar a graça de carregar em sua cabeça um balaio de água sem que uma gota sequer caia ao chão, fazendo com seu marido incrédulo no poder das forças da natureza modifique sua opinião em relação ao poder dos orixás, tornando-se um bom marido para sua esposa e não mais a impedindo de continuar o exercício de sua fé em sua casa de candomblé.

Logo, neste conto percebemos que a voz narradora nos passa o ensinamento de que não se pode duvidar das forças que não conhecemos, uma vez que Tude reassumiu o posto de esposa respeitada em sua casa através de fé em sua mãe Yemonjá, ou seja, as relações de gênero foram equilibradas pelas mãos da mãe das grandes águas.



Figura 3: Iyá Mi, a mãe ancestral.

O conto *Iyá Mi, a mãe ancestral* traz como entidade conhecida nos cultos afro-brasileiros a Iyá Mi Ossorongá, orixá que representa o domínio de todo o conhecimento, segundo Prandi (2002, p.22) “senhoras do feitiço, representantes da ancestralidade feminina da humanidade, nossas mães feiticeiras”. As senhoras são temidas pelos sacerdotes do candomblé porque sempre estão irritadas e dispostas a destruir, matar e persuadir para o mal, manter o segredo da existência humana em suas mãos:

Ìyàmi está sempre de encolerizada e sempre pronta a desencadear sua ira contra os seres humanos. Está sempre irritada, seja ou não maltratada, esteja em companhia numerosa ou solitária, quer se fale bem ou mal dela, ou que até mesmo não se fale, deixando-se assim em um esquecimento desprovido de glória. Tudo é pretexto para que *ìyàmi* sinta-se ofendida. (VERGER, 1994, p.19) (Grifos do autor)

Porém são protetoras das mulheres e não são de todo mal como proferem os sacerdotes e sacerdotisas de candomblé. No conto agora em tela, a voz narradora nos conta a história de uma mulher que já velha teve um filho e na hora do parto morreu. Quando chegou ao céu junto as mães ancestrais entristeceu-se por deixar o filho na terra sem poder amamentá-lo, foi então que Iyá Mi falou:

- Olha, nós aqui, quando saímos do mundo, chegamos aqui e temos que esquecer tudo. Mas como você está assim, triste com seu filho, eu vou lhe fazer virar *uma coruja* e você vai se assentar na cumeeira da casa que foi sua e ficar esperando. Quando não tiver ninguém no quarto, você vira em uma mulher e amamenta seu filho. Isto acontecerá todos os dias até que ele fique forte e mais criado. (YEMONJÁ, 2002, p. 41) (Grifos nossos)

Como podemos notar no fragmento acima, a maternidade é uma condição que dá poder à mulher, um poder que para os cultos afro-brasileiros está além da vida e da morte, capaz até de compadecer a ira de um orixá inconstante com a Iyá Mi. Neste conto, vemos a metamorfose da mulher em coruja, pássaro que na sabedoria popular representa o mau agouro e o anúncio de morte, quando rasga a noite com seu canto macabro e fúnebre, só que nesta micronarrativa a coruja representa uma mãe ancestral que volta ao mundo dos vivos para amamentar o filho deixado no momento de sua passagem da vida para a morte. E assim o é para os adeptos do candomblé, quando uma coruja pousa na cumeeira de uma coisa e aparece de súbito diante de nossos olhos significa que a Iyá Mi está por perto e quer alguma oferenda de imediato, já que:

As Iá Mi Oxorongá são as nossas mães primeiras, raízes primordiais da estirpe humana, são feiticeiras. São velhas mães feiticeiras as nossas mães ancestrais. As Iá Mi são o princípio de tudo, do bem e do mal. São vida e morte ao mesmo tempo, são feiticeiras. São as temidas *ajés*, mulheres impiedosas. (PRANDI, 2001, p. 348) (Grifo do autor)

Neste conto fica claro que o gênero privilegiado pelas temidas ancestrais é o feminino pelo poder que a mulher tem de gestar, gerar e amamentar os filhos que a terra receberá de volta, mantendo vivo o elo imortal entre a vida e a morte, as duas portas comandadas pela ancestralidade africana, o espaço entre o ser e o não ser, o saber e o não saber: o desconhecido só conhecido pelas “mulheres já viveram tudo o que se tem para viver” (PRANDI, 2001, p.348).



Figura 4: Oxum

O conto *A pena de ekodidé* traz a divindade Oxum como interventora do destino de uma filha sua. Oxum é uma das deusas nigerianas mais populares nos cultos afro-brasileiros pelo fato de presidir o amor e a fertilidade, é dona do ouro e da vaidade e senhora das águas doces (PRANDI, 2001, p.22). A pena de ekodidé é um ornamento sagrado ligado à deusa Oxum por representar o sangue menstrual e por extensão o poder feminino da procriação (LIMA, 2008, p. 95).

No conto de Mãe Beata, a pena de ekodidé representa o poder feminino da beleza e da sedução que Oxum concede às suas filhas para favorecê-las em relação ao fraco e disponível coração do sexo oposto, pois a micronarrativa traz a história de uma aldeia de mulheres virgens que sob o ensinamento das anciãs são preparadas para casar com príncipes e se tornarem rainhas. Dentre elas, há uma jovem considerada desprovida da beleza necessário ao pleito matrimonial, o que a entristece e concomitantemente ao pai que não terá lucros com generoso dote dado pelos pretendentes em disputa da mão da feia e jovem donzela:

A menina ficou muito triste, chorou e foi deitar. Então, *chegou uma mulher muito bonita à sua cama*, com uma cuia tampada na mão, e disse:
- Olhe, amanhã é dia dos compradores virem. Eles vêm trazendo um príncipe para ele mesmo escolher uma mulher. *Tem aqui ossum, waji, obi e ekodidé. Você come o obi e o resto passa no corpo. A pena de ekodidé você coloca na testa como enfeite.* Fique na janela, porém não diga nada a seu pai, pois ele vai para a roça e não deve saber. (YEMONJÁ, 2002, p.43) (Grifos nossos)

Como se pode notar no fragmento acima, a menina em estado de sonho sente a presença de uma mulher bonita que a instrui a se embelezar com elementos sagrados para a ritualística do candomblé. O *ossun* é um pó extraído da semente açafraão e possui cor vermelha. No candomblé, o *ossun* é utilizado para pintar o corpo e o ventre em homenagem ao nascimento que se faz par o orixá, assim como em reverência ao poder da sensualidade, da maternidade e da fertilidade femininas. O *ossun* trará para a jovem donzela o realce afrodisíaco e sedutor que lhe falta para encantar o príncipe peregrino em sua aldeia.

O *waji* é um pó azul que representa o orixá Ogum, deus da guerra, da sabedoria e do avanço tecnológico. No candomblé, o *waji* é passado no corpo dos iniciados para todas as demandas e maus agouros não os atinjam, fazendo com que se tenha êxito em

todos os obstáculos enfrentados. No caso da jovem donzela, ganhar um marido que a faça feliz e traga prosperidade para a sua aldeia.

O *obi* é um fruto sagrado que, quando mastigado e passado na pela energiza o corpo da filha de santo, atraindo ainda a mais a prosperidade. No caso da jovem donzela, fazendo que com o príncipe se sentisse ainda mais atraído pelas energias positivas que a circundavam.

A pena de ekodidé representa o poder do orixá em terra, é como se a própria Oxum estivesse diante dos olhos do povo da aldeia emanando todo o seu poder feminino de sedução e sensualidade para o príncipe, de modo que feitiço nenhum pudesse quebrar o encantamento ali depositado:

Todos ficaram boquiabertos e ajoelharam-se em frente à janela, admirados com tanta beleza e com a luz que emanava da bela donzela. O pai da menina veio chegando e o príncipe fez a oferta de casamento. Até o pai ficou admirado com tanta beleza. O casamento foi no outro dia e, quando ela foi dormir, sonhou que outra vez chegava junto à sua cama a mulher, que lhe dizia:- Olha, eu sou Oxum. Você é minha filha! – e sumiu. E a menina tornou-se princesa. (YEMONJÁ, 2002, p.44)

Neste conto mais uma vez é figura feminina é protegida pelos deuses africanos. Oxum, deusa do amor e da fertilidade, vem trazer a bonança para a aldeia da jovem donzela que desencantada com sua beleza pressupõe um futuro não próspero para si. Oxum, contrariando pensamento do pai jovem donzela, a faz única princesa da aldeia.

Dessa forma, Mãe Beata de Yemonjá contribui para a Literatura Afro-Brasileira de autoria feminina, dando visibilidade em seus contos ao universo mítico e sagrado das religiões afro-brasileiras contextualizado com o cotidiano das mulheres brasileiras adeptas ao candomblé, religião em que as relações de gênero estão subordinadas às vontades dos deuses e deusas africanas.

Referências:

LIMA, Luis Felipe de. *Oxum: a mãe da água doce*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v. 3, n. 2, 2014.

YEMONJÁ, Mãe Beata de. *Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros*. Rio de Janeiro, Pallas, 2002.

VERGER, Pierre. Grandeza e Decadência do Culto de *Ìyàmi Òsòròngà* (Minha Mãe Feiticeira) entre os *Yorúbà*. In: MOURA, Carlos Eugenio Marcondes de. *As senhoras do pássaro da noite*. São Paulo. Edusp, 1994.